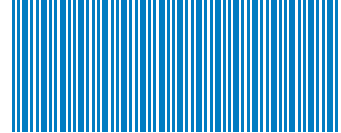




Veras entrevista Ismael dos Anjos

Meninos, jovens e suas masculinidades

O jornalista Ismael dos Anjos, depois de trabalhar em revistas voltadas ao público masculino, como *Playboy* e *VIP*, publicações que, de certa forma, reforçam os estereótipos de gênero, passou por uma experiência transformadora ao se envolver na produção de um filme que, justamente, questionava o machismo e propunha uma abordagem diferente em relação a “o que é ser masculino”. Nos anos em que esteve envolvido na produção do filme, e de uma pesquisa nacional coordenada pelo site *Papo de Homem*, Ismael também se tornou pai e esse fato acrescentou mais uma camada de inquietação em relação aos papéis tradicionalmente atribuídos aos homens, tanto na

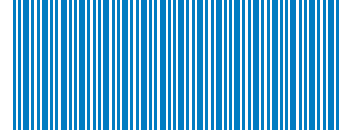


sociedade quanto na criação dos filhos. O passo seguinte foi passar a se dedicar a discutir esse tema, bem menos explorado do que a questão do papel da mulher, em escolas e grupos de homens. Nesta entrevista, Ismael dos Anjos comenta o que tem observado em suas oficinas e explica por que prefere falar em “masculinidades”, no plural.

Por Ricardo Prado e Catarina Decome Poker, editores da revista *Veras*.

Veras: *Como você começou a se interessar pelo tema da masculinidade?*

Ismael dos Anjos: Eu sou jornalista de formação, fiz jornalismo na UFMG, e quando vim para São Paulo, trabalhei por um tempo na Editora Abril, e trabalhei em algumas revistas de masculinidades na época, mas revistas que não lidavam sobre o que é ser homem, e sim revistas que vendiam para quem eles achavam que esses homens eram ou queriam ser. Eu escrevi para *Playboy*, para *VIP*, para a revista *Alfa*. E acho que um dos resultados disso foi entender que o homem que eu era não estava representado ali. E o homem que eu era, as coisas que eu queria ler e queria que participasse na minha formação enquanto homem ali, tentando me entender, um jovem de 22 anos na época, não estavam ali. Eu tinha muito essa necessidade de pensar ou ter referências de masculinidades, porque sempre tive uma relação de alguém que eu admirava por vários motivos e tinha conflitos e ficava sem falar por outros tantos. Então, isso esteve na minha trajetória a partir de 2013, quando saí da Abril e fui trabalhar num site chamado *Papo de Homem*, que tentava ser uma revista eletrônica focada nesses temas de masculinidades que as revistas tradicionais, as impressas, não trabalhavam. E aí a gente começou a pesquisar sobre coisas como o feminismo, como os homens aprendem a ser homens, como que a gente tenta superar as questões que vivemos com os nossos pais, que tipo de homens que a gente quer ser. Olhar para questões pessoais começou a fazer parte da minha vida profissional, escrevendo, pensando em artigos sobre o tema. Quando esse site começou a ser uma referência no tema, a gente sentiu necessidade de ter dados para algumas coisas que não eram pesquisas públicas, gerar inteligência em torno do tema. Então, a primeira vez foi uma parceria com a ONU Mulheres, em 2016, em que rolou um filme chamado *Precisamos falar com os homens: uma jornada sobre equidade de gênero*. Será que a gente precisa falar de gênero para os homens? Como que os homens cabem nessa pauta? Virou também uma pesquisa perene nesse assunto. Depois do *Precisamos falar com os homens*, em que eu estava apenas como consultor, me chamaram para coordenar um



projeto chamado *Silêncio dos homens*, que é, até então, e ainda é hoje, a maior pesquisa sobre masculinidade feita no Brasil. A pesquisa tem um grau de confiança de 95%, com margem de erro de 2%.

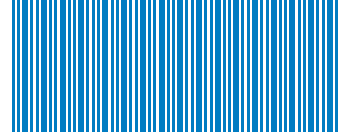
Veras: *Essa pesquisa foi feita em parceria com a USP?*

Ismael dos Anjos: Isso, foi com o CIS (Consórcio de Informações Sociais) da USP. Esse projeto tinha uma pesquisa quantitativa, uma pesquisa qualitativa, com mais de 30 especialistas, e gerou um documentário, que está disponível no YouTube. Então, ao longo da minha trajetória, esse tema sempre me foi caro. Do jornalismo às pesquisas. E ao largo disso, eu também virei pai. Me tornei pai socioafetivo do Francisco, meu filho, que hoje tem 11 anos. E aí gerou uma outra investigação, que era: 'Tá, mal entendi que homem que eu quero ser, que opções que eu tenho, agora tenho que entender que pai eu quero ser. Eu sei que não quero ser exatamente igual ao meu pai, que algumas coisas eu não gostava. Então, o que eu posso fazer de diferente? Então, foi uma investigação pessoal que virou trabalho coletivo e profissional.

Veras: *No documentário *Silêncio dos homens* me chamou a atenção saber que a violência autoinfligida é muito mais marcante nos homens do que nas mulheres. O mesmo vale para as taxas de suicídio. Pode-se dizer que existe um certo mal-estar entre os homens no mundo contemporâneo?*

Ismael dos Anjos: Existem várias questões que cercam os homens do mundo contemporâneo. Os homens foram tradicionalmente, e ainda são em larga parte, treinados para executarem alguns papéis sociais. E hoje em dia, vários desses papéis não estão disponíveis. Então isso gera uma incongruência entre o que esses homens acreditam ou são ensinados a acreditar e os papéis mais atualizados do que é esperado deles. Essa crise gera uma série de efeitos. Pode ser, usando a expressão que você disse, um mal-estar consigo mesmo, no sentido de "não sou o homem que deveria ser, não sou bem-sucedido quanto deveria ser, estou me sentindo menos homem do que acho que deveria ser". E aí a gente pode falar de machismos em geral, de violências psicológicas, patrimoniais, até físicas. Ou o próprio ato de cometer violência autoinfligida, suicídios, cortes, outras coisas também.

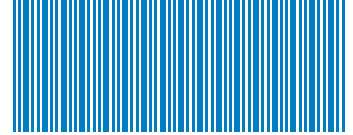
Veras: *Silêncio dos homens tem mais ou menos seis anos. Se você fosse produzir um *Silêncio dos homens* 2 hoje, poderia ser diferente essa percepção do masculino no Brasil?*



Ismael dos Anjos: Está sendo produzido agora um terceiro filme dessa série, que é o *Meninos*. Quem está fazendo é o Instituto PDH. Tem dados inéditos, principalmente focados nos meninos entre 13 e 17 anos. Coisas como: 5 em cada 10 meninos não têm certeza de serem amados pelos pais; quase 15% dos meninos têm como referência masculina *influencers*, ou seja, pessoas que eles nunca viram na vida. Pensando que o filme [*Silêncio dos homens*] foi lançado no primeiro ano do governo Bolsonaro, em que a gente tinha que evitar falar a palavra gênero porque atribuíam à ideologia de gênero, e não à equidade de gênero, acho que felizmente a gente avançou em relação à pauta dos direitos das mulheres, dos feminismos em geral, ganhou muito mais tração. A minha sensação é que continua a disputa sobre o tema, seis anos depois. E talvez com um panorama mais difuso do que era na época. Porque se antes tinha uma questão quase preto no branco, de ou ser a favor disso ou você está falando de ideologia de gênero, hoje tem mais gente nesse campo falando sobre masculinidades. Isso gera questões, por exemplo, muito prementes nas adolescências e nas infâncias, no sentido de que esses meninos agora que estão crescendo com conexão à internet desde o momento 1, talvez tenham mais referências virtuais ou distantes sobre essas conversas do que muitas vezes em casa. Então, minha sensação é que esse tema continua em disputa, mas talvez seja uma disputa num campo ainda mais difuso e com mais ruídos.

Veras: *Qual seria o papel da escola nessa discussão sobre masculinidades? Eu gostaria que você começasse pela Educação Infantil.*

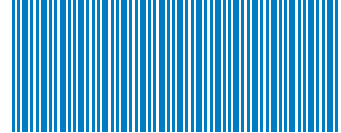
Ismael dos Anjos: Eu tenho conduzido projetos com algumas escolas em relação a isso. E quando se trata de questões como racismo ou gênero, ela não escapa. A escola é um microcosmo em que a gente vê refletida a sociedade. Nesse sentido, quando a gente pensa, por exemplo, na primeira infância, a gente fala de uma realidade em que 95% aproximadamente das professoras de Educação Infantil no Brasil são mulheres. Isso já denota que as nossas crianças, desde a mais tenra idade, veem mulheres na posição de cuidado, e não veem homens como pessoas na posição de cuidado. Isso já vai formando essa percepção de que, se homens não estão cuidando, essa não é função dos homens. Normalmente os homens nesse espaço estão fazendo coisas físicas, como a segurança, ou pode ser o professor de Educação Física. Logo, pelo exemplo, esses meninos tradicionalmente vão se mirar nessas coisas. Vão querer jogar bola, vão querer fazer essas brincadeiras de competição, de ganhar um do outro. Se o menino cai e rala o joelho jogando bola, você não ensina os meninos a parar a brin-



cadeira e falar “tá tudo bem? Você quer que chame um adulto?” Normalmente é “levanta, vira homem”. A gente ouve essas coisas desde a primeira infância. Enquanto isso, as meninas estão sendo compulsoriamente ensinadas a cuidar. Mulher não vem com *chip* de fábrica dizendo o que é cuidado. Mas na primeira infância a gente faz brincar de mamãe e filhinha, professora e aluna, brincadeiras de cuidar. Eu acho que uma das chaves na primeira infância e na Educação Infantil é oferecer um território de possibilidades do que é ser masculino. Que vejam homens que cuidam, que vejam homens que são sensíveis, que vejam homens que fazem outras coisas ali, que leiam histórias em que os meninos possam ser outras coisas, não só um príncipe num cavalo, ou coisas que a gente ouviu crescendo. Na primeira infância vai muito desse lugar de cuidado e ampliação de repertório.

Veras: *E nos anos do Ensino Fundamental, como essa discussão avança?*

Ismael dos Anjos: Quando a gente pensa, saindo da primeira infância para a pré-adolescência e adolescência, que é a fase inclusive em que meu filho está hoje, a gente vê pessoas em formação que ficam em dúvida de qual referência seguir. Porque, por mais que estejam recebendo, às vezes, uma educação que diz “olha, você pode se emocionar”, saímos do lugar do menino não chora, em algumas famílias, em alguns espaços da sociedade, isso ainda está no discurso, de alguma maneira. Há uma expectativa que o menino seja capaz de dar conta das coisas, de ser mais forte, de ser mais do que o outro. Pode ser performance acadêmica, pode ser performance física, pode ser performance em outro lugar. E aí é uma fase muito crucial, porque é quando esse menino está passando pelo início de puberdade também. Ele vai começar a viver picos de agressividade, mudanças hormonais, ou picos de incerteza. E nessa hora, se ele sentir que a violência é uma linguagem aceitável para o exercício de poder, ele vai começar a levar isso para outras etapas da vida dele. Então, é uma fase que eu acredito ser muito importante na hora de se municiar de ferramentas para lidar com emoções, com sentimentos. Porque ali você já está se construindo como um indivíduo completamente separado dos seus pais e mães. Mas não necessariamente com muitas ferramentas para lidar com esse mundo. E, aí, eu acho que rodas de conversa entre meninos dessa faixa etária fazem super bem para eles entenderem que não estão passando por aquilo sozinhos. Que talvez um homem de referência, um professor, alguém que ele conhece, admira, passou por isso também. Essa é uma fase em que eu acho muito importante que a gente esteja próximo. E estimular que esses meninos aprendam a falar de si, dos outros e de tudo mais.

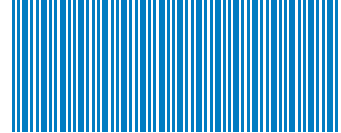


Veras: *Parece que falar de si mesmo é uma grande dificuldade dos meninos, não?*

Ismael dos Anjos: Falar de si é a prioridade. Quando eu digo dos outros, é mais com os outros. Porque muitas vezes a relação dos meninos com os outros é mediada por brincadeiras de porrada, competição e não por “tá tudo bem, meu velho? Quer me falar alguma coisa? Soube que seus pais se separaram, os meus também. Se você precisar conversar comigo, eu estou aqui”. Não tem muito isso, né? Esse lugar de acolhimento entre eles. Algo que na infância a gente muitas vezes vê como uma brincadeira, numa fase de adolescência e juventude, a gente já vê traços de *bullying* que têm marcadores não só de gênero, de raça, de corpo, de outras coisas, que podem gerar, inclusive, violências mais graves, violências sexuais, violências de outras naturezas. Nesse caso, eu acho que a gente tem que garantir que nossos jovens saibam discernir o certo do errado, que tenham ferramentas para essa nova fase. Por exemplo, o consentimento. Será que os nossos meninos sabem o que é um consentimento expresso? Ou eles lidam com uma presunção de consentimento quando estão, por exemplo, tentando beijar alguém? Isso pode gerar abuso, isso pode gerar assédio. E a gente não ensina nossos filhos e filhas, principalmente os meninos, a serem claros sobre o que eles querem. “Olha, eu estou sentindo isso por você, eu quero te dar um beijo”. Ou “já estou dando um beijo, tenho uma namorada, e eu quero dar mais um passo na nossa relação e fazer isso, isso e isso”. Não, e eu digo muito olhando para a minha formação enquanto menino. A gente fica num lugar de se colar colou, de experimentar, de descer uma mão e ver se tudo bem, de fazer coisas nessa quase tentativa e erro, que muitas vezes vai gerar dores, tanto para si quanto para outras pessoas. Então, acho que tem várias coisas na formação de homens que essas fases de crescimento trazem, a assunção de repertório e consolidação de caráter, ética, moral são fundamentais, porque senão chegam homens à fase adulta que ainda se comportam como meninos, que ainda não sabem cuidar nem de si, nem do outro, nem do ambiente ao redor.

Veras: *Como é o trabalho sobre masculinidades no Ensino Médio?*

Ismael dos Anjos: Depende muito da realidade de cada escola. Pode começar vendo um filme, depois fazer uma roda de conversa, pode ser uma palestra. A ideia é: quando está todo mundo junto, que as meninas se sintam reconhecidas nas dores, nos desafios pelos quais estão passando, mas que os meninos sejam também sujeitos de cuidado, de aprendizado sobre si, sobre o momento que estão vivendo. É interessante quando rola essas palestras com falas em conjunto



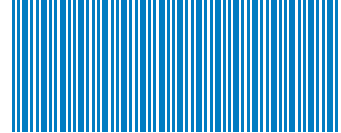
porque as meninas vêm depois falar: “Obrigada, os meninos estavam precisando ouvir isso, tomara que melhore”. Já os meninos ficam muito quietos, meio que recebendo uma bomba ou um monte de informação no colo pela primeira vez, porque eles nunca foram convidados a olhar para isso. Eu acho esse trabalho de sensibilização importante porque, pelo menos para meninos que já estavam sofrendo influências de grupos masculinistas online, eles começam a ter outro repertório.

Veras: *E quando você forma grupos só de meninos, o que acontece?*

Ismael dos Anjos: A ferramenta que eu considero mais indicada é usar rodas de conversa de uma maneira contínua, como um ciclo de aprendizado, e aí focado em meninos. Por quê? Quando os meninos estão num grupo só entre eles, principalmente num grupo pequeno, de até 20, 25 meninos, a tendência é que eles não tenham lugar para se esconder. Não dá para baixar a cabeça e não falar. E eles começam a falar em primeira pessoa uns com os outros, a entender que eles não estão sozinhos nessa situação, e perdem a vergonha, a timidez que têm muitas vezes de falar quando as meninas estão presentes. Porque quando as meninas estão presentes, principalmente essa geração, que já vem com uma noção do que é o medo de ser cancelado, ou o medo de falar algo errado, a tendência deles é de silenciar.

Veras: *Você percebe alguma diferença, nessas rodas de conversa com meninos, em um ambiente mais privilegiado economicamente, como o da escola privada, e na escola pública?*

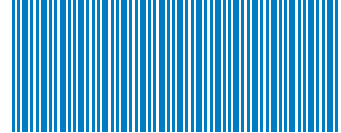
Ismael dos Anjos: Sim, eu tenho algumas experiências em escolas públicas, e a tendência é que lá o trabalho seja mais pontual, até por uma questão de orçamento, de frequência. Nas vezes em que fiz trabalhos em escolas públicas, eles foram muito mais em uma perspectiva de sensibilização do que necessariamente um trabalho continuado mais perene. O que eu posso falar, até com base em dados de pesquisa, é que os problemas podem mudar de acordo com classe social, raça e todos os marcadores de interseccionalidade, mas, em geral, essa é uma fase em que as questões acabam se assemelhando muito. O que difere mais, eu sinto, entre alunos de escola pública e de escolas particulares, na minha experiência, é a capacidade de sonhar mais, de vislumbrar mais perspectivas à frente nas escolas particulares do que nas escolas públicas, onde normalmente as questões são muito mais prementes, muito mais do agora. Mas isso, várias vezes, na minha experiência, mostra uma sensibilidade maior. Do tipo, quando eu falo, por exemplo, de algumas questões de violência, algumas meninas e



meninos ali já passaram por aquilo, ou já viram aquilo, já testemunharam aquilo. Então, varia um pouquinho, mas tem coisas que se assemelham.

Veras: *Eu queria fazer um recorte na questão racial, que você mencionou de passagem. Em um episódio do documentário Silêncio dos homens, um jovem negro fala assim, conversando com um outro que é um colega branco: “Como!? Você nunca tomou um enquadro da polícia?”. A violência, nós sabemos, cai principalmente nesse jovem preto, principalmente se ele for de periferia. Ao mesmo tempo que ele está sendo convidado a ser mais sensível e a baixar a guarda, ele é a primeira vítima dessa violência. Como é que se lida com essa questão antagônica?*

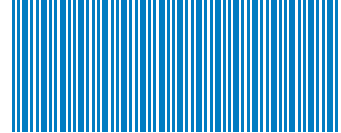
Ismael dos Anjos: É por isso que eu gosto de falar em masculinidades, e não em masculinidade. Se a gente for entender como pensamos no homem na sociedade, a gente costuma falar coisas como “homem é tudo igual”, ou “homem é o gênero que está no poder”. E quando a gente fala essas frases no singular, normalmente a gente está pensando num homem específico. Quando a gente pensa no homem que está no poder, a gente não pensa num homem negro, num homem trans. O trabalho com meninos negros, ou com meninos trans, ou com meninos neurodivergentes, passa por quebrar essa masculinidade hegemônica, passa por quebrar essa noção única e universal do que é ser homem, para que eles tenham outras perspectivas. Não adianta eu continuar ensinando para o menino negro, como a gente tem ensinado há algum tempo, que, para ele se validar, tem que ter códigos do que a gente chama de hipermasculinização. Ser mais macho ainda, mais forte ainda, mais viril ainda, mais propenso ao sexo ainda, mais trabalhador ainda. E esse cara nem acessa um lugar na mesa patriarcal, digamos, na mesa ali do poder real, ele ainda fica pegando umas migalhas. Então eu aposto muito em quebrar um pouco essa caixinha do homem, essa experiência única de homem, no singular, e oferecer alternativas cada vez mais plurais e cada vez mais possíveis para esses homens. E aí, falando especificamente dos meninos negros das regiões periféricas, é muito comum que eles cuidem dos irmãos e irmãs mais novas. Por quê? Se a mãe e o pai saem para trabalhar, ou se o pai é ausente e a mãe sai para trabalhar, o irmão mais velho cuida. Não importa se é menino ou se é menina, vai ter que fazer comida, vai ter que não deixar sair de casa, vai ter que limpar, vai ter que fazer várias coisas. O que acontece é que muitas vezes esse menino negro, que aos 10, 11, 12 anos é cuidador dos irmãos mais novos, de repente vai receber um recado de que não é para ele ser assim, porque isso



é coisa de menina, de mulher. Que o que ele precisa ser é mais viril, mais homem, não levar desaforo para casa, aguentar o tranco. Aí, ele vai se endurecendo e vai largando para o lado essa coisa que aprendeu. Era um menino que sabia cuidar e, de repente, desaprende a cuidar. Então, minha aposta para enfrentar essas dicotomias é justamente ampliar o horizonte. Se esses meninos negros entendem, “eu sei cuidar. Eu já fui cuidador, está tudo bem. Eu sei cuidar dos outros e sei cuidar de mim também. Ah, beleza, então o que eu posso fazer com isso? Eu posso ser um bom pai, eu posso ser um bom amigo, eu posso ser outras coisas”... Será que a única noção de sucesso que eu tenho é a noção de sucesso financeira, que muitas vezes vai estar negada para esses meninos negros, quando a gente pensa numa sociedade como a nossa atual? Então, eu acho que alargar esses horizontes faz muito sentido para mim, quando a gente pensa nas interseccionalidades e de como criar homens distintos e diferentes. É muito interessante ir trazendo esse tema para a minha própria trajetória. As coisas que eu via nessas revistas, falando “o homem tem que ser isso, o homem tem que ter aquilo”, eu não conseguia chegar lá, e, peraí, então eu não sou homem? Que homem me resta ser? E aí fui pesquisando outras possibilidades, tentando criar outras possibilidades pra mim, e encontrando outras pessoas e homens que estavam discutindo isso no caminho. Então sinto que essa pode ser uma perspectiva, sabe? Por exemplo, meninos negros que entendam que homens negros não são vitoriosos só quando são músicos ou esportistas; que podem ser outra coisa na vida.

Veras: *Como é que se lida com os jovens que, de repente, se percebem homossexuais ou estão em dúvida em relação à própria sexualidade? Porque daí é uma dupla cobrança de papel, né? Imagino que essas questões provavelmente afloram nas conversas, não?*

Ismael dos Anjos: Sim, afloram. Quando eu faço a pergunta, tanto em rodas quanto em palestras “Quem aqui já ouviu a palavra gay ou viado como xingamento, mesmo antes de saber qual era a sua orientação sexual?”, é quase unânime que meninos e homens respondam que sim, foram xingados de gay, viado, qualquer tipo de uso dessa terminologia, muito antes de saberem se eram hétero, homo ou bissexuais. Com 7, 8 anos, os meninos já vão ouvindo isso, como se ser gay fosse ser menos homem, fosse estar mais perto do feminino. Não pode colocar a mão de determinado jeito, não pode sentar de determinado jeito, não pode usar determinada cor... Dentro da construção clássica do masculino, a heterossexualidade é vista como algo compulsório.



Então, nesse sentido, uma das coisas que a gente pode fazer com essas gerações mais novas é ter bastante clareza de que alguém não é menos homem porque é gay. Alguém não é menos homem por ser bissexual. Então, quando eu promovo conversas, uso muito marcadores de interseccionalidade. Eu me nomeio, sou Ismael, sou um homem negro de 37 anos, pai, não sou um homem hétero, mas um homem bissexual. Na verdade, pansexual. E muitas vezes rola um olho desse tamanho, assim. “Ah, mas não parece...” Nas rodas que atualmente tenho feito tem surgido depois dessa fala perguntas como: “Mas quando você soube que também se interessava por homens?”. Eu falo, “olha, pra mim é uma descoberta recente. Não foi na sua idade, não foi com 16, 17 anos”. E acho que um ponto muito importante nessa discussão é a gente diferenciar homossexualidade de homoafetividade. Porque a maioria dos meninos tem repulsa à ideia de homossexualidade, porque eles têm esse medo de serem vistos como gays, e tem todas as questões de violência com a qual a população LGBT como um todo convive no nosso país, mas ao mesmo tempo eles são muito homoafetivos. Eles brincam entre si, amam entre si, abraçam entre si.

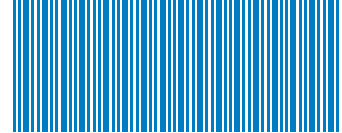
Veras: *Tem até uma coisa muito forte de se pegarem, de se tocarem, né?*

Ismael dos Anjos: Exato. Mas desde que aquilo não represente algo sexual. É estranha essa dicotomia de homossexualidade versus homoafetividade, quando na verdade isso é só mais um componente de algo que a maioria dos homens já faz. Que é, por exemplo, admirar outros homens.

Veras: *Geralmente as mulheres lidam mais facilmente com essa homoafetividade...*

Ismael dos Anjos: E sem necessariamente isso significar homossexualidade, né? Não é porque uma amiga anda de mão dada com a outra na rua que são duas meninas lésbicas, necessariamente. Mas se dois meninos andarem de mão dada, a gente vai começar a pensar: “São dois meninos gays”.

Veras: *Nesse sentido, você vê que os meninos estão um pouco menos adequados ao momento do que as meninas? As meninas, de certa forma, estão se beneficiando de um histórico do feminismo já de décadas. As mães já são outras mulheres do que as avós eram, enquanto que os pais deles talvez sejam mais parecidos com os avôs. Você vê essa situação no seu cotidiano de trabalho?*



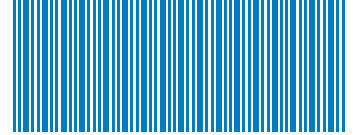
Ismael dos Anjos: Super. Esse é um ótimo resumo. Porque eu posso te dizer que mesmo quando converso com alguns pais bem machistas, é comum que eles falem: “Não crio filha minha para depender de homem nenhum. Sei como homem é”. Então, mesmo um pai machista não quer que a filha dependa de um homem. A gente esteve trabalhando na emancipação, empoderamento e garantia de direitos femininos no último século, mas não trabalhamos isso com os meninos. Pensando que os direitos deles já estão garantidos. Mas direitos de quais meninos a gente está falando? De que jeito esses direitos são garantidos? Isso, muitas vezes, gera para eles uma sensação de disputa, como se as meninas fossem uma ameaça a esse poder que eles acham que deveria ser deles por direito, e que muitas vezes vão ouvir isso de uma figura mais velha, um pai, um avô, que vai dizer “é assim que é, no meu tempo não tinha isso”. Sendo que eles estão vendo, testemunhando, experimentando na pele outra realidade, que os convoca a serem diferentes. Então, muitas vezes, esses meninos estão perdidos. É como se eles recebessem sinais trocados.

Veras: *Por exemplo, em casa e no ambiente social?*

Ismael dos Anjos: Exato. E aí, o que eu faço com isso? Que menino eu vou ser? Será que sou um em casa e outro na escola? Muitas vezes é isso que acontece. Eu ouço muito de pais, mães, quando os filhos são pegos em caso de *bullying* ou outra coisa, “mas eu não imaginava, eu não sabia”. Aí você vai perguntar: “Mas você fala com o seu filho?”. “Ah, falo”. “Mas você fala com ele sobre ser homem, ou sobre como se conduzir na relação com outros meninos ou com meninas?”. “Ah, não”. “Então, você não conhece o seu filho, você não sabe como ele está fazendo”. Só está perguntando da matemática, da ciência, do boletim, mas não está perguntando do aspecto humano, da formação desse ser.

Veras: *A série Adolescência mexeu com muitos pais nessa questão de, de repente, se tocarem: “Poxa, eu não tenho a menor ideia de como é a vida digital dos meus filhos”. E, muitas vezes, estão acontecendo lá coisas sobre quais os pais realmente não têm a menor noção. Essa série me levou à questão do bullying no ambiente digital e o medo do cancelamento. Como que se trabalha no ambiente de escola esse medo do cancelamento?*

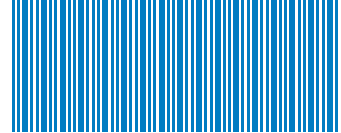
Ismael dos Anjos: A série *Adolescência* foi um supergatilho. Mas é bom lembrar que esses não são fenômenos novos. Quando a gente vê, por exemplo, esses lugares masculinistas na internet, na série eles



falam dos *incels*, os celibatários involuntários, a gente tem registros de discussões online há 20 anos. A gente tem no Brasil crimes famosos, como o massacre do Realengo, que aconteceu no Rio de Janeiro, que era de meninos que frequentavam esses fóruns mais de dez anos atrás. Enquanto parecia algo de nicho, parecia mais um problema individual daqueles meninos que cometeram determinadas violências do que um problema que pode se generalizar. Por um lado, o medo do cancelamento é terrível, né? Um menino crescer com medo de “se eu errar, minha vida acaba, e não vou poder fazer nada”. Por outro lado, isso também é um fenômeno bem-vindo, em alguma medida, porque deriva de uma sociedade que diz que certos comportamentos não são mais aceitáveis. Então, eu acho que a gente precisa tentar chegar a um equilíbrio, que não é nem cancelamento, nem permissividade. A gente precisa ter, por exemplo, canais seguros para denúncias de assédio, ter pessoas com formação em Psicologia, em atendimento e acolhimento, para acolher tanto meninos quanto meninas que possam estar passando por situações que levam a esses extremos. A gente passou muitos anos ignorando isso e não precisando ensinar crianças, adolescentes e jovens a fazerem isso, mas eles estão sendo treinados e ensinados fora do ambiente escolar. Então, talvez passe por a gente aumentar esse repertório de quais são as coisas que cabe a nós, educadores, pais, mães, responsáveis, fazer? Que tipo de informação eu estou dando para o meu filho? Talvez não seja mais só informação acadêmica, talvez passe por uma série de outras informações com que antes eu não precisava me preocupar tanto. O *bullying* também passa por aí. A gente tem dados de países como a Suécia, por exemplo, de que quando os meninos são cuidados não só pelas mães, mas também pelos pais, no primeiro ano de vida, reduz a incidência deles em *bullying* nas escolas. Por quê? Crianças que se sentem cuidadas, amadas, que sabem que têm com quem conversar e recorrer, acabam tendo mais repertório emocional. Então, elas não precisam usar a violência como linguagem para exercer poder, nem precisam se sujeitar a determinadas coisas; acabam tendo outras maneiras de lidar com isso.

Veras: *Como são, em linhas gerais, as oficinas que você realiza nas escolas?*

Ismael dos Anjos: Eu costumo oferecer soluções adequadas aos problemas que estão sendo enfrentados, desafios que estão sendo enfrentados em cada local. Normalmente, o que sugiro é que a gente comece com uma sensibilização com os educadores e educadoras primeiro e, depois, com adolescentes e crianças, mas para as pes-



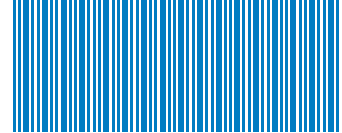
soas entenderem que toda conversa sobre masculinidades precisa acontecer num contexto de equidade de gênero. Entender quais são as questões que fazem essa conversa se tornar urgente e por que a gente constrói gênero como performance na sociedade. E, nesse sentido, quais são as performances que afetam essa noção do que é ser homem? E como meninos estão sendo criados há algumas décadas sem tantas mudanças enquanto a gente está pensando diferente e mudando a maneira como a gente ensina as meninas. Então vamos passar por um processo de identificação de dados e compreensões sobre um conceito chamado “a caixa do homem”. Muitas vezes eu construo isso coletivamente para a gente entender o que se espera de meninos ou de meninas desde a mais tenra idade, para depois entender que as masculinidades existem no plural. Talvez isso seja uma das maneiras de desafiar essa noção hegemônica do que é ser masculino: abrir espaço para que a gente fale de masculinidades subalternizadas, de abrir outras possibilidades de repertório, de referências, para que esses meninos e adolescentes possam criar maneiras mais humanas e mais reais possíveis do que é ser homem.

Veras: *E depois da sensibilização, quais são os passos seguintes?*

Ismael dos Anjos: Começa com essa sensibilização e a partir daí, com o corpo de educadores tendo mais repertório, costumo desenhar uma solução conjunta que passa, normalmente, por uma ou mais rodas de masculinidades. Normalmente sugiro um ciclo que vai entre quatro e dez rodas, que podem ser temáticas ou não, em temas como saúde mental, sexualidade, violência, consentimento, e fazemos esse trabalho para expandir, à luz das masculinidades, temas que são fundamentais na formação moral desses seres. Às vezes, também, dependendo do contexto, a gente executa uma ferramenta diagnóstica para entender quais são as referências, quais são as crenças que a população desse lugar tem sobre o que é ser masculino. E isso pode orientar também, entregar diferentes soluções. Resumindo: é um processo de sensibilização, seguido de diagnósticos, seguido de práticas em *workshops*, que passam não só conteúdo, mas estimulam as pessoas a se engajarem na mudança que elas querem ver acontecer.

Veras: *No documentário O silêncio dos homens, há a informação de que os meninos demoram, em média, 20 anos para revelar que sofreram abuso. Nessas conversas, é possível perceber quando algum menino foi tocado por uma emoção que tem essa origem de violência sexual?*

Ismael dos Anjos: Não só essas, como outras questões afloram muitas vezes, porque existem vários motivos que levam alguém a não querer



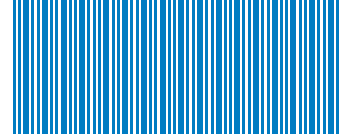
falar sobre uma violência que sofreu. Seja medo de ser posto em dúvida, seja o medo de ser visto como alguém fraco, no caso dos meninos, ser visto como menos homem, ser visto como vítima, coisas que eles não querem. Eles querem se mostrar seguros, invulneráveis. Acontece bastante, eu não estou falando só de meninos, estou falando de homens adultos, que às vezes choram, veem alguma coisa e depois vão lidar com isso, vão chamar para conversar, vão procurar terapia, vão procurar outras ferramentas, inclusive individuais, para lidar com questões que estavam ali soterradas. E aí pode ser violência sexual, mas pode ser violência física, do tipo “ah, apanhei muito para esconder minha orientação sexual”. Ou pode ser “nossa, eu sempre fui muito sensível e fui sendo podado até o ponto em que eu não sei nomear meus próprios sentimentos, porque falavam que falar de sentimento, chorar, falar que ama, não eram coisas de menino”.

Veras: *Você comentou que em algumas dinâmicas você passa a filmes. Poderia indicar alguns filmes que funcionam bem para se discutir essa questão das masculinidades ou dos gêneros?*

Ismael dos Anjos: Olha, vai parecer um pouco cabotino, mas o *Silêncio dos homens* é usado para isso, né? Tem também *The mask living* (*Uma máscara em que você vive*), um filme americano que se encontra disponível nas plataformas de *streaming*. Vai ter o Meninos, esse projeto novo do Instituto Papo de Homem, que vai ser lançado neste ano. E esse filme, inclusive, vem com uma ferramenta pedagógica, tanto para educadores quanto para pais e mães, feita junto com a ONU. *Moonlight* é um baita filme sobre masculinidades negras, questões de estereótipos e tudo mais. Se a gente for pensar num filme mais antigo, que eu vi quando era adolescente e que hoje vejo com outros olhos, *Clube da luta* é sobre isso, quando a pessoa inventa um arquétipo de homem durão, fortão, para poder escapar daquela realidade em que está.

Veras: *Quando seu filho tiver a sua idade, você imagina que, de alguma forma, vai haver menos conflitos entre homens e mulheres? Os homens vão estar mais esclarecidos em relação a isso?*

Ismael dos Anjos: Eu não sei quanto tempo vai demorar para a gente mudar e chegar efetivamente numa equidade de gênero. Mas sei que sem dialogar sobre isso, sem pesquisar sobre isso, sem tentar efetivamente ser parte dessa mudança, vai demorar mais ainda. Então, a minha caminhada é nesse sentido de fazer esforços rumo ao mundo que eu quero ver. Se o Francisco vai conseguir ver ou não, ou ser parte dessa mudança, eu e minha ex-companheira Juliana, a mãe dele,



estamos tentando trabalhar para que ele seja parte dessa mudança que a gente quer ver acontecer.

Veras: *Como estamos próximos do Dia dos Pais, queria falar sobre a relação dos meninos com seus pais. Hoje ela é mais próxima do que era antes, na sua opinião?*

Ismael dos Anjos: Na pesquisa de 2019 de *O silêncio dos homens*, a gente tinha que 68% dos meninos e homens tinham o pai como principal referência do que é ser homem. Esse número, na pesquisa feita agora do [filme] *Meninos*, que é de 2024, já caiu para 60%. Então está diminuindo o lugar da referência do pai. Mas ainda é o mais prevalente. Ao mesmo tempo, na pesquisa a gente tinha um dado, que era quantas vezes esses meninos ou homens conversaram com o pai sobre o que é ser homem, só um a cada dez tinha conversado com o pai sobre o que é ser homem. Então, a gente tinha que sete em cada dez homens miram o pai como referência, mas só um em cada dez já conversou com o pai sobre o que é ser homem. Ou seja, meninos e homens se formam a partir da imagem que eles têm do pai. Pode ser um super-herói, pode ser um supervilão, eu posso tentar ser tudo o que esse cara incrível foi, posso tentar ser o oposto do que esse cara que abandonou minha mãe fez. Então uma coisa que eu gosto sempre de passar para os pais é para que eles deem acesso, para que os filhos homens deles saibam quem eles são como pessoa. Que não vejam só os momentos de sucesso, o que ganhou, mas também saibam dos momentos em que eles fraquejam, em que sentiram dor, em que tiveram dúvida. Se esses meninos crescem com uma noção mais real do que é ser homem, que não é nem necessariamente herói, nem necessariamente vilão, a gente pode criar uma geração de meninos que virem homens mais humanos, mais capazes de entrar em contato com os próprios sentimentos, percepções, conquistas, alegrias e tudo mais. Então, acho que uma recomendação que eu tento fazer, e que estendo para os outros pais, é que deixem seus filhos saberem quem vocês são.

